

O CORPO NA MÍSTICA DOS MACABEUS

Um enfoque a partir de 2Macabeus 7

Anízio Freire

Introdução

Nosso estudo visa compartilhar uma leitura histórica e mística no tempo dos Macabeus, como tentativa de resgatar o sentido espiritual de corporeidade entre eles e, de um modo especial, entre nós hoje. Trata-se de um período em que um grupo (os *hassidim*) resistia à política real. Por isso desencadeou-se uma perseguição terrível que nenhum ser humano seria capaz de aceitar passivamente¹.

Sabemos que, historicamente, esse povo viveu sem liberdade e exilado em sua própria terra. Aliás, a história do povo hebreu foi sempre marcada por tempos de exílio. Segundo o rabino Nilton Bonder, “o exílio dos judeus não é definido unicamente pelo afastamento da terra de Israel. Desde o relato bíblico este povo é exilado. Busca a sua terra mas nunca a encontra. Quando nela está assentado falta-lhe algo para que seja identificada como a terra prometida”². Que algo será este?

No contexto dos Macabeus, esse algo poderia ser o zelo pela sua liberdade e identidade na “terra prometida”. Por isso, foi preferível enfrentar a tirania do opressor do que abandonar sua identidade de povo da Aliança. Quando falamos da mística dos Macabeus, estamos falando de uma consciência de ser povo de Deus; da certeza de um Deus que ama, ampara e toma a defesa dos oprimidos; de uma resistência nas perseguições; de suas orações que brotam da luta pelo dom da vida e, de um modo especial, de sua fé na ressurreição. Essa consciência de presença corporal nas duas dimensões de vida, está bem clara no pensamento de um dos filhos desse povo:

“O Rei do universo nos ressuscitará para uma vida eterna, pois morremos por fidelidade às suas leis” (2Mc 7,9; 12,43).

Veremos que a fé na ressurreição é uma nova visão do valor corpo na família, na comunidade, na sociedade e da história. Pois quem aprecia a vida, sempre se colocará numa atitude de defesa por ela, mesma que venha a ser morto por decisão de quem perdeu o senso de corporeidade, isto é, uma consciência de relação interativa e de semelhança na diferença das mentalidades. Isto pressupõe uma apreciação do valor da vida em sua totalidade. Neste sentido, o povo dos Macabeus, é um povo que gosta da vida. E, quem gosta da vida, gosta de Deus. Assim, quem gosta de Deus pratica com alegria e fé seus mandamentos, suas leis que visam o bem-estar da comunidade de fé.

1. Cf. BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 576s.

2. BONDER, Nilton. *Portais Secretos: acessos arcaicos à Internet*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, p. 128.

O senso de corporeidade visa exatamente o bem da coletividade. Tal senso se manifesta concretamente nas coisas da vida que fazemos. O senso de corporeidade nos mantém em rede de solidariedade onde nos sentimos comprometidos com a integridade da Criação da qual somos parte. Quem ama a Deus, jamais abandona os compromissos de zelo pelo bem de todos e pela Criação. Este zelo estava expresso na piedade, na retidão e na lei da comunidade judaica. Pois, segundo Bright, o sumo de toda essa retidão era cumprir amorosamente a lei, com seu profundo senso ético e uma tocante confiança em Deus³. Assim, um povo que confia em si mesmo e no Deus que o mantém vivo, jamais negligenciará compromissos combinados com Ele no processo histórico de uma fé comunitária.

Historicamente esses compromissos combinados com Deus, foram chamados de *aliança e leis* produzidas com espírito ético no corpo da comunidade. Estas leis visavam sustentar o sistema de vida, de fé e esperança na caminhada histórica desse povo resistente. Por causa dessa aliança e dos mandamentos, eles resistiam lutando inevitavelmente com as armas⁴. É nesse contexto de perseguição e sofrimento que eles rezavam e celebravam a própria luta para não desanimar.

Neste sentido, a mística dos Macabeus é uma visão humana e espiritual que visa resgatar o direito humano de ser livre no palco da Criação. Essa visão faz com que mães e filhos entreguem-se ao martírio por causa Deus e de suas leis. Essa decisão foi um sinal tremendo de confiança no Deus vivo, o Eternamente doador da vida. Certamente foi dessa consciência que nasceu o confronto irreconciliável entre a mente prepotente e arrogante do detentor do poder, e a mente inocente, livre e coerente que encarava humilhação, dor e morte a fim de testemunhar sua fé no Deus eternamente vivo.

Finalmente, o presente estudo quer ser um enfoque místico e social a partir de 2Macabeus 7, onde a imagem da mãe, com seus sete filhos, busca representar um povo sofrido que luta para não perder sua dignidade e memória na história. Apresentaremos a corporeidade dessa mãe, como qualidade de um corpo social e religioso que tem consciência do valor sagrado de sua vida e de outros que aderem espiritualmente ao projeto do Deus da Aliança. Veremos ainda como tal corpo toma decisão para revelar sua fé num Deus que garante vida eterna aos corpos, selvagememente mortos pela mente autoritária.

CONTEXTO HISTÓRICO E GÊNERO LITÉRIARIO

A história de Israel nasce, desenvolve-se e desaparece em meio a sete grandes potências mundiais que se sucederam, como os *hicsos*: aproximadamente 1770 a 1570 aC; os *egípcios*: aproximadamente 1570 a 1200 aC, os *assírios*: de 843 a 612 aC; os *babilônios*: de 612 a 559 aC; os *persas*: de 559 a 333 aC; os *gregos*: de 332 a 65 aC; os *romanos*: de 65 aC a 135 dC. Toda essa história é caracterizada por altos e baixos, de exílios e retornos. É uma história percorrida por um povo que, com fidelidade ou infi-

3. Cf. Bright, *História de Israel*, p. 598s.

4. Cf. Bright, op. cit., p. 577.

delidade, buscava responder à sua vocação como povo eleito de um Deus vivo, Criador e Libertador.

Ao longo dessa história, por volta de 330 aC, avança sobre a face da terra um rei vindo da Macedônia chamado Alexandre Magno. Com seu exército poderoso, ele começa a invadir outros países submetendo reis e povos ao seu regime cruel. Assim, seu império se tornou o maior de todos no tempo antigo. Entre os países conquistados por ele estava também “a terra de Israel” (cf. Mt 2,20.22), que sofrerá com o fardo da cultura helenística. O texto bíblico atesta que, Alexandre, filho de Filipe, o macedônio, oriundo da terra de Cetim, derrotou vários povos impiedosamente (1Mc 1,1).

A impiedade dos reis na história, é uma das características dos poderes políticos que desconhecem o valor sagrado corpo humano. Por causa da insensibilidade e de drásticas medidas de certos reis para com as massas subjugadas, eram inevitáveis os choques a nível social e religioso. Esta realidade entre os judeus pode ser claramente notada nos livros dos Macabeus e de Daniel⁵. Escritos numa época posterior, esses livros nos apresentam fatos de um contexto histórico bem preciso, que é o período de expansão helenística que vai de 180 até 135 aC.

Neste contexto, o primeiro Livro, escrito depois de 135 aC, começa com o aparecimento de Antíoco Epífanes, em 175 aC, até ao advento de João Hircano em 135 aC. O segundo Livro, começa no tempo do pai de Antíoco Epífanes quando corpos humanos eram devorados cruelmente, em nome de uma ideologia de poder imperial. O elemento comum entre os dois livros é o contexto de perseguição política e religiosa contra os judeus. Mesmo escritos em épocas diferentes, eles são marcados pelo espírito de defesa do judaísmo, face à invasão da cultura helenista⁶.

É por volta de 160 que Jasão de Cirene escreve a obra original em cinco volumes, a qual um autor anônimo, provavelmente no Egito em torno de 24 aC, faz a sua adaptação no formato do atual segundo Livro dos Macabeus. Sua intenção era edificar a fé dos judeus deste país, também perseguidos por Ptolomeu. Assim, com um estilo vivo e uma tendência a exagerar a caracterização das personagens, o autor quer mostrar que a perseguição é apenas um castigo justo e educativo, por causa dos pecados cometidos coletivamente; mas, ao mesmo tempo, é um convite individual e coletivo à conversão ao Deus da vida e da Aliança⁷.

Dentro desse contexto de perseguição, o gênero literário utilizado pelo autor foi o “histórico patético”. Trata-se de um tipo de literatura que usava todos os meios para despertar a imaginação e a emoção dos leitores⁸. Provavelmente esta teria sido a intenção do nosso autor: chamar a atenção de seus leitores sobre uma realidade de terror e de desrespeito aos corpos humanos que não podiam viver sua liberdade religiosa; ao mesmo tempo, fazendo uso de tal gênero, ele buscava denunciar a crueldade de homens que perderam o senso de corporeidade a nível pessoal, social, político e religioso.

5. Cf. Bright, op. cit., p. 575.

6. Cf. *Nova BÍBLIA dos Capuchinhos*: Introdução. Lisboa: Difusora Bíblica, 1999, p.759.

7. Cf. Idem.

8. Cf. ELLIS, F. Peter. *Os Homens e a Mensagem do Antigo Testamento*. Aparecida: Santuário, 1985, p. 468.

Certamente num contexto de horrores, esse gênero teve sua importância vital para a formação de uma nova consciência do valor da vida. Segundo Wilfrid, esse tipo de gênero empregado em 2Macabeus, “pertencia à forma literária popular no mundo helenístico; sua característica fundamental era o fascínio que exercia sobre a imaginação e as emoções do leitor”⁹. E assim, com “discursos apaixonados, linguagem vigorosa, números enormes e estilo florido”, o autor empregou tudo isso para comover as pessoas com meios empregados de convenções literárias universalmente aceitas”¹⁰.

Com essa intenção, o autor foi deixando claro que a luta entre judaísmo e helenismo, “era uma guerra de morte”. Assim, ao comprometer-se com o helenismo, o povo estaria perdendo sua força interior, fidelidade e identidade de povo santo de Deus. Nesse contexto é que o povo vai lutar, organizar-se, resistir, celebrar e manter sua viva fé na ressurreição, cuja santidade se manifesta numa corporeidade de fidelidade, comunhão e participação no mesmo destino.

1. A luta de um povo oprimido

A partir de um conflito irreconciliável entre os grandes e pequenos, a luta desse povo espezinhado era uma luta pela vida como um todo. Esta foi a situação de onde nasceu a mística de um povo que sofria. Vivendo debaixo de uma opressão horrível, o povo dos Macabeus lamentava o seu sofrimento diante de tantas vidas violentadas pelos inimigos. Assim está escrito para a memória do povo:

“Chefes e anciãos gemeram, moças e moços perderam seu vigor, murchou a beleza das mulheres” (1Mc 1,26).

O autor nos mostra como a vitalidade dos corpos humanos, *perderam seu vigor* por causa da mente autoritária e patriarcal do sistema político dos gregos. Mesmo com todo esse desespero, o povo não perdeu sua mística de organização em vista do salvamento de suas vidas. O senso de corporeidade se faz presente no instante em que lideranças do povo começam a se organizar para conquistar seus direitos, para viver com fé e alegria o dom da liberdade. Esses direitos eram:

1. A indenização do território da Judéia;
2. Poder reconstruir as muralhas de Jerusalém;
3. Celebrar o sábado (2Mc 6,6);
4. Guardar as festas dos antepassados (2Mc 6,6);
5. Os costumes particulares (6,6);
6. Poder declarar-se como judeus livres (6,6);
7. Outros valores da vida, baseados na Lei do Deus vivo¹¹.

9. Cf HARRINGTON. Wilfrid John. *Chave para a Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 383.

10. Cf. HARRINGTON. *Chave para a Bíblia*, p. 383.

11. Cf. VV.AA. *Macabeus uma Resistência Armada Camponesa* – Apostila. CEBI, 1988, p. 32.

Todos esses direitos tinham sido proibidos pelo rei opressor Antíoco, a fim de que o povo ficasse sujeito ao seu poder. De acordo com a decisão do poder dominante, o povo devia aceitar os costumes pagãos não permitidos pela lei do Deus vivo (2Mc 6,5). Mas diante de tal situação, o povo procurava outras saídas através de sua organização. Onde, de fato, há organização há possibilidade de libertação. Um povo desorganizado e fragmentado em si mesmo, jamais poderá defender a dignidade do corpo de seus semelhantes.

2. Organização do povo

Em manifestações públicas geralmente costumamos ouvir: “Povo unido jamais será vencido”. Assim, para enfrentar a opressão do rei e a malvadeza de seus inimigos, o povo dos Macabeus foi se organizando em grupos armados para combater seus inimigos. Esses grupos foram orientados por Judas Macabeu e pelos companheiros do povo que tinham experiência de luta, introduzindo-se às ocultas nas aldeias (2Mc 8,1). Esta luta foi organizada com sabedoria para não ser fracassada diante dos combates. Como eles usaram o seu saber? Simplesmente através de quatro atitudes fundamentais:

1. Foram para as montanhas e lugares desertos *deixando tudo o que possuíam na cidade* (cf. 1Mc 2,28).
2. Só entravam nas cidades e aldeias secretamente sem ninguém esperar. Isto era feito durante a noite, *e apoderando-se de pontos estratégicos, infligia ao inimigo grandes perdas* de pessoas (cf. 2Mc 8,6-7).
3. Com eles iam somente parentes e aqueles que se mantinham firmes e fiéis na religião de seus antepassados (cf. 2Mc 8,1).
4. Antes de partirem para a luta contra os inimigos, faziam suas orações invocando a ajuda do Deus libertador (cf. 2Mc 8,2; 10,16.26).

Assim, a oração dava-lhes força interior para não desanimar. Um povo orante tem coragem para lutar até o fim pelo bem de todos. A esta coragem de lutar pelo bem e pela vida estamos chamando aqui de mística. Com essa mística, os que lutavam pela liberdade de seu povo tinham a certeza de que o Deus vivo e libertador estava com eles. Esta certeza ou confiança, os sustentava na luta do bem comum. A organização pelo bem da comunidade e da sociedade tinha como ponto de partida a oração pessoal e comunitária.

3. A finalidade da oração

O grupo dos Macabeus era profundamente religioso. Entre eles a oração era uma grande força que animava a luta pela conquista da terra como fonte de vida para todos. Em tudo que faziam invocavam o nome do Deus libertador e criador. Para eles, invocar o nome do Deus vivo era pedir a garantia de sua luta em vista da vida como um todo; era ainda alimentar a certeza da vitória da comunidade com a bênção do Deus criador. Quando eles rezavam, a oração tinha uma finalidade muito concreta:

1. Que o Senhor olhasse o povo espezinhado pelos seus opressores.
2. Que o Senhor tivesse compaixão do templo que havia sido desrespeitado pelos ímpios.
3. Que o Senhor tivesse misericórdia da cidade arruinada e devastada até o chão.
4. Que o Senhor escutasse os clamores do sangue derramado que gritava até ele.
5. Que o Senhor se lembrasse da matança desumana das crianças;
6. Que o Senhor se vingasse das blasfêmias faladas contra o seu Nome;
7. Que o Senhor fosse vitorioso com eles.

Confiantes na presença do Nome, eles esperavam a “vitória de Deus”, que era a vitória do próprio povo sendo ajudado pelo Deus criador e libertador (2Mc 8,2-4; 10,16; 13,13-15). Podemos perceber que a oração dos Macabeus nasce de uma realidade conflitiva, na qual os corpos humanos eram devorados impiedosamente; podemos ver ainda um desejo coletivo de libertação para todos. Dessa realidade sangrenta, foram aparecendo salmos, lamentações e outros escritos que visavam animar e fortalecer a esperança de um povo que apreciava o dom da vida.

4. Cânticos e lamentações

A partir da realidade de perseguição e sofrimento, o povo foi escrevendo sua memória em forma de cânticos e lamentações sobre a situação em que viviam. Algumas lamentações mostram o desespero do povo diante de tanta violência e destruição da parte de seus inimigos. Assim era o lamento do povo maltratado:

Derramaram sangue inocente ao redor do Santuário e o Lugar santo foi desrespeitado. Por causa dos violentos fugiram os habitantes de Jerusalém, e ela transformou-se em habitação de estrangeiros... Seu Santuário ficou desolado como um deserto, suas festas converteram-se em luto, seus sábados em injúria, sua honra em desprezo e sua alegria em pranto (1Mc 1,37-40).

Ao poucos, esses cânticos foram virando salmos nas celebrações da comunidade dos perseguidos. Eles cantavam seus cantos e lamentos para fortalecer a mística da luta e da esperança. Citamos aqui alguns salmos que o povo rezava nas suas celebrações:

1. Salmo 70: Apresenta o pobre na sua angustia gritando pelo socorro de Deus. Sem a ajuda de Deus o pobre não vê saída na vida. Assim ele orava a Deus dizendo:

“Vem livrar-me, ó Deus! Senhor, vem depressa em meu socorro! Sejam derrotados e cobertos de vergonha os que procuram tirar-me a vida. Ó Deus, sou pobre e necessitado, vem depressa ajudar-me. Tu és o meu auxílio, o meu libertador: Não demores, Senhor” (v. 2.3.6.).

2. Salmo 71: Apresenta a prece de um ancião. Diante do sofrimento ele não desiste de esperar pela justiça de Deus e o implora dizendo:

“Livra-me, meu Deus, das mãos do homem mau, das mãos do opressor e do violento. Pois tu, Senhor, desde a juventude, tu és minha esperança e confiança. Em ti encontro amparo. Eu esperarei continuamente em ti, ó Deus, não me abandones. Eu quero louvar-te ao som da harpa a tua fidelidade e vibrarei de alegria ao cantar-te salmos com todo o meu ser, porque tu me salvaste” (v. 2-6).

3. Salmo 72: Este salmo expressa a esperança dos pobres por um rei justo. Nele o povo pede a Deus para que o rei seja justo e amigo dos pobres. A oração é dirigida ao Deus vivo para uma situação concreta. Há um desejo geral de direito e justiça.

“Ó Deus, concede ao rei a tua retidão e ao príncipe a tua justiça, para que ele julgue o teu povo com justiça e trate os humildes com retidão. Que o rei proteja os humildes do povo e ajude os necessitados” (v. 1-2).

Outros salmos como 44, 64, 74, 75, e 109 revelam esse contexto de busca da ajuda do Deus libertador. O salmo 73 é do tempo do exílio. Tempo em que o povo de Deus andava fora de sua terra e oprimido nas regiões da Babilônia. Agora, no tempo dos Macabeus, este salmo foi relido porque o povo encontrava nele a situação em que estava vivendo. O salmo mostra a prosperidade e o comportamento insensível dos opressores que não davam atenção ao sofrimento dos pobres. Na comunidade de fé, assim rezava o salmista:

Para eles não há aflições, pois estão cheios de saúde. Não sofrem as contrariedades da vida, nem são atormentados como os outros. Eles estão cheios de orgulho e se cobrem com o manto da violência. Seus corações transbordam de maldade e suas mentes estão cheias de más intenções (Sl 73,4-5).

Em relação aos pobres, o salmista diz que eles vencem as tentações de ser como os poderosos. Pois estes, tendo perdido o senso de corporeidade, armam suas ciladas contra os fracos e os fazem se comportar às injustiças que eles mesmos praticam para manterem-se no poder. Neste sendo, assim ele declara:

“Realmente, no meio da minha amargura e revolta, eu me comportava como um ignorante, como um animal sem ter consciência de estar perto de ti, Senhor. Agora sei que estou perto de ti, porque a tua mão me ampara, tua providência me guia, para me conduzir na felicidade” (v. 21.24).

A mística dos pobres no tempo dos Macabeus era tão viva e forte, a ponto de não temerem o caminho do martírio. O amor pelos mandamentos do Deus vivo era muito mais importante do que a obediência a uma simples ordem que vinha do poder opressor. Neste sentido, o caminho do martírio foi a maneira mais corajosa que o povo encontrou para enfrentar a arrogância dos prepotentes.

5. Caminho do martírio

Veremos agora, a partir de depoimentos dos perseguidos, a resistência deles e delas diante dos tiranos. Confiando no poder libertador do Deus vivo, os filhos dos hebreus

não temeram o caminho do o martírio. Este foi o modo concreto de expressão de fé no Deus da Criação. Perante o sofrimento, preferem as leis do Deus da vida às ordens e leis dos opressores. É por causa da aliança com o Deus vivo e de sua lei que defende a vida, que mulheres, jovens e adultos assumiram corajosamente o caminho do martírio. Tudo isso começa com a morte das mulheres e de seus filhos. A morte dessas pessoas aconteceu porque desobedeceram às ordens do rei opressor. Assim está escrito:

“Duas mulheres foram presas porque tinham circuncidados seus filhos. Elas foram arrastadas publicamente pela cidade com seus filhinhos pendurados aos seios, e sendo empurradas de cima das muralhas abaixo” (2Mc 6,10; 1Mc 1, 60-61; 2,38).

Essas mulheres morrem assim porque não aceitavam abandonar a lei do Deus vivo. Preferem a morte que obedecer à lei do rei impostor. Para elas, a verdadeira lei é a Lei do Deus de Israel que liberta e dá vida para tudo e para todos. A coragem dessas mulheres animava a outros para não abandonarem a lei da Vida. Esta lei é ordem criadora de fé e de esperança que garante a vida feliz dos corpos na família, na comunidade e sociedade. Assim, amando e zelando essa ordem vital, aparece Eleazer homem sábio, idoso e simpático como grande conhecedor da lei do Deus vivo. Tentaram-no para que abandonasse a lei e a tradição de seus antepassados, mas ele não aceitou preferindo encaminhar-se ao martírio. Segundo a tradição desse grupo, Eleazer era:

“Um dos mais eminentes escribas, homem já avançado em idade e muito belo de aspecto em seu rosto, estava sendo forçado a comer carne de porco, enquanto lhe mantinham a boca aberta. Mas ele preferindo a morte gloriosa a uma vida em desonra, encaminhou-se espontaneamente para o suplício do tímpano” (2Mc 6,18-19).

Este “suplício” era um instrumento de tortura, provavelmente em forma de roda. Era um tipo de morte terrível. Tudo indica que a pessoa era esquartejada, como atesta a fé cristã, em que muitos foram serrados e morreram assassinados com golpes de espada (cf. Hb 11,37). O sábio Eleazer prefere ser condenado à morte do que deixar o mau exemplo para os jovens da sua comunidade. Antes de sua morte, ele assim declarou:

“Na verdade, não é próprio à nossa idade o fingimento. Isto para não acontecer que muitos jovens suspeitem que Eleazar, aos noventa anos, tenha passado aos costumes estrangeiros. Eles mesmos, após o meu gesto hipócrita, e por um pouco de vida, se deixariam arrastar por causa de mim. Isto seria para minha velhice desonra a vergonha. E mesmo se eu me livrasse agora dos castigos dos homens, não poderia escapar nem vivo nem morto das mãos do Todo-Poderoso. Sendo assim, se eu morrer agora corajosamente, mostrar-me-ei digno de minha velhice e terei deixado aos jovens um nobre exemplo de zelo generoso com o qual é preciso dar sua vida pelas santas e veneráveis leis” (2Mc 6,24-28).

Estando decidido a morrer pela lei do Deus vivo e, gemendo por causa dos golpes que tinha recebido em seu corpo, Eleazar ainda disse:

“Ao Senhor, que tem a santa ciência, está vendo tudo: eu, podendo livrar-me da morte, estou suportando cruéis dores no meu corpo. Mas suporto tudo isso com alegria em minha alma, porque é a Ele que eu temo” (2Mc 6,30).

Ao corpo e à alma são negados o prazer da liberdade e da vida. Essa negação fere profundamente a consciência e dignidade de um povo que não fazia distinção entre corpo e alma. Na concepção bíblica, existir num corpo é ser uma totalidade. Assim, “o homem não tem uma alma, ele é alma; não tem um corpo, ele é um corpo”¹². Quem tem o temor do Deus vivo, carrega dentro si o dom da alegria, na totalidade de ser corpo na história. A isso chamamos de mística. Esta mística é energia espiritual no humano que se une à energia cósmica de Deus criador e libertador. Como força vital, essa energia está presente na vida das pessoas, na terra, no templo, na cidade e na natureza. Tudo isso, numa consciência de fé, faz com que o fiel supere as dores corporais e experimente, em sua alma, uma alegria que nasce do seu temor religioso. Neste sentido, temer a Deus, o Eternamente vida, é estar integrado, devotado, comprometido religiosamente com a vida como totalidade de um universo em rede: céus, mares, terra, rios, vegetação, seres humanos, animais e tudo que flui da fonte cósmica do Imensurável. É esse temor que gera o senso de corporeidade com todos na vida, e com tudo dessa Fonte infinita. Por esta Fonte, veremos como um povo místico é capaz de enfrentar prisão, martírio e morte.

6. Prisão dos sete irmãos com sua mãe

Depois do exemplo desse venerável escriba, isto é, doutor da Lei, seguem agora o testemunho de uma mãe anônima com seus sete filhos. Forçados a desviarem-se do caminho da Lei, não aceitam a proposta do rei tirânico. Por isso são condenados ao martírio diante de sua mãe que os encoraja no caminho da fidelidade. Encontrando-se diante do tribunal da morte, cada jovem vai dando sua declaração de resistência à fé de seus antepassados. Vejamos agora como o autor nos apresenta cenas chocantes de tortura que mostram o grau de crueldade de um rei carrasco que perdeu o senso de semelhança na história.

6. 1. O primeiro filho (2Mc 7,2-6): Senso de prontidão à vida

Há um ensinamento da cultura oriental que diz: “Onde há preparação não há preocupação”. Certamente esta não preocupação tem sua base na consciência de quem se exercitou na mente e no coração. Através da mente, as estratégias; do coração, a decisão como prontidão de enfrentar o que pode acontecer. Assim, em nome de todos, o primeiro filho de uma mãe sem nome, expressa com coragem:

“Estamos prontos a morrer, antes que abandonar as leis de nossos pais” (7,2). E antes da morte acrescentou: “O Senhor Deus nos observa e tem verdadeiramente compaixão de nós, segundo o que Moisés declarou no seu cântico, com toda clareza: ‘Ele terá compaixão de seus servos’” (7,6).

Este jovem revela uma consciência de prontidão para o desafio da morte. Essa consciência é fruto de uma educação baseada na memória dos atos de Deus, na história

12. Cf. CIMOSA, Mario. *Gênesis 1-11: a humanidade na sua origem*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 39.

de seus antepassados. Enfrentar o desafio de uma morte antecipada, é confiar totalmente na compaixão do Deus vivo, o qual não deixará *seus servos* no abandono de tal morte. Onde poderíamos ver, no pensamento atribuído a esse jovem, seu senso de corporeidade? Certamente no desejo de não abandonar as leis de seus antepassados; e no presente, a clareza da compaixão de Deus “por nós” e por “seus servos”. Esta visão da sensibilidade de Deus vem das Escrituras onde se afirma que, o Deus vivo defenderá o seu povo com a medida da compaixão (Dt 32,36).

6. 2. *O segundo filho (2Mc 7,7-9): Senso de amor cosmológico*

A confiança na medida da compaixão de Deus, faz com que o segundo filho entregue seu corpo à tortura na prisão. E, perante a crueldade do sistema de morte do rei tirânico, ele declara corajosamente em poucas palavras:

“Tu maldito, nos tiras desta vida presente. Mas o Rei do mundo nos fará ressurgir para uma vida eterna, a nós que morremos por suas leis” (7,9)!

Nesse contexto de morte, o jovem demonstra um senso de amor cosmológico muito forte. Com este senso, ele reconhece que Deus, *o Rei do mundo ou do universo*, é Senhor Absoluto de uma vida eterna para seus eleitos. Com essa consciência, o jovem amaldiçoa o rei por causa de sua insensibilidade em relação à vida de inocentes, cujos corpos são violentados. Tanto no passado quanto hoje, qualquer tipo de violência sobre o corpo de qualquer ser humano, será sempre fruto de um contexto social de pecado, no qual a vida deixa de ter sentido. Este pecado é atitude interior de desvio da “criação carnal de Deus” como diz Mateus Fox. A maldição do jovem precisa ser entendida nesse contexto de pecado, de desvio e de desvalorização da sacralidade da vida. Nesse contexto, a fé do jovem é fogo que vem de sua alma unida ao Criador do mundo. Mesmo vendo a morte, sua esperança em Deus, *o Rei do mundo*, é inabalável e admirável. A fé do jovem nega radicalmente, a realeza de um soberano sem humanidade. Para ele, *o Rei do mundo* é que tem mais poder e, por esse poder, prefere morrer fisicamente que negar a Lei de um Deus que garante a vida, neste mundo e no mundo vindouro.

6. 3. *O terceiro filho (2Mc 7,10-11): Consciência de pertença a Deus*

A convicção de um mundo vindouro que está em Deus mesmo, faz com que o terceiro filho não se intimide de entregar “sua língua” para a tortura. Para ele, a perda desse órgão e de suas mãos é menos importante que a perda de sua consciência, numa vida maior que é Deus. Por isso ele diz:

“Do céu recebi estes membros, e é por causa de suas leis que os desprezo, pois espero dele recebê-los um dia novamente” (7,11).

Note-se a consciência que se tem de pertença a Deus: “Do céu recebi”, é como se ele dissesse “ao céu eu os devolvo” em vista do valor dos mandamentos daquele que é o Eternamente vida. O desprezo pelo corpo é “o sacrifício” de um momento situado que exige discernimento. Se o destino agora é ser objeto nas mãos de um tirano, é pre-

ferível o “desprezo” como atitude de despreendimento, em vista de uma Vida sem fim, que é o próprio Deus. Nesta dimensão, a morte do corpo produzida pela mente do humano sem humanidade é relativizada quando há clareza de uma vida que passa por esse tipo morte. O corpo aqui tem perspectiva de esperança. Ele espera de Deus receber a nova vida que é ressurreição. Esse corpo é uma consciência cultural, história, familiar, social política e religiosa. No bojo dessa consciência, não há um descaso pela vida. Mas, em vista do descaso que o opressor tem pela vida dos humanos, o único recurso de um povo maltratado é a fé na nova vida que só Deus pode dar abundantemente.

6. 4. O quarto filho (2Mc 7,13-14): A vida vem de Deus

A certeza na nova vida que vem de Deus, morrer por suas leis é uma alegria maior do que comungar com o sistema de morte do opressor. Para esse jovem, quem mata não tem esperança nem toma parte na vida que o Deus vivo oferecerá. Neste sentido ele declara:

“É desejável passar para a outra vida pelas mãos dos homens, tendo da parte de Deus a esperança de um ser dia ressuscitado por ele. Mas para ti, ao contrário, não haverá ressurreição para a vida” (7,14).

Dizer que para o malvado *não haverá ressurreição para a vida*, é uma forma de denúncia para os que na vida temporária vivem negando, torturando e matando seres humanos inocentes. A esperança de *um dia ser ressuscitado por Deus*, é um grito profético que resgata a dignidade dos corpos na vida. Estes corpos são sagrados. E por isso não podem ser violados em nome de uma ideologia de poder totalitário. Ainda hoje *as mãos dos homens* do capitalismo continuam sacrificando inocentes nos seus latifúndios e indústrias, usando uma tecnologia global desumanizadora.

6.5. O quinto filho (2Mc 7,16-17): Deus não abandona seu povo

A fé em Deus, suscita no fiel a coragem de questionar qualquer autoridade mortal que, existencial e friamente faz uso de meios de tortura, como também de produção desumanizantes. Com essa fé no seu Deus, o quinto jovem tem a certeza de que o Deus vivo não abandona seu povo. Esta convicção aparece na sua declaração ao rei poderoso:

“Tendo autoridade sobre os homens, tu fazes o que queres, embora sejas mortal como eles. Não penses que o nosso povo tenha sido abandonado por Deus. Quanto a ti, espera um pouco e verás o seu grande poder, e como ele te castigará a ti e à tua descendência” (7,17-17).

Ao dizer, *espera um pouco*, o jovem sabe que a grandeza do poder de Deus vencerá a arrogância do homem mortal. A palavra *arrogância* vem do latim, *arrogatio* que significa “apropriar-se de algo de outrem”¹³. Quando cada ser humano é dominado por

13. Cf. FOX, Mateus. *Pecados do Espírito, Bênçãos da Carne*: Lições para transformar o mal na alma e na sociedade. Campinas: Verus, 2004, p.160.

esse mal, ele perde seu senso de corporeidade, e muito mais seu título de autoridade. Assim, quem se apodera da vida e liberdade de um povo e faz dele um holocausto sem compaixão, torna-se cego e cruel. Esta falta de compaixão para com um corpo coletivo, é fruto da arrogância. Com tal arrogância, a falsa autoridade poder fazer o quiser, mas seu destino é igual ao dos outros humanos. Assim, com seu desejo desordenado de ser superior, a autoridade arrogante já está no processo de um dia ver a sua própria desgraça na história.

6. 6. *O sexto filho (2Mc 7, 18-19): Vitória do Deus da vida*

O senso de superioridade é uma ilusão. Isto é percebido pelo sexto jovem no seu momento de tortura até a morte. No confronto com o adversário, ele tem clareza da causa de seus sofrimentos. Para ele, o pecado coletivo contra Deus está sendo a fonte de seus tormentos; mas, ao mesmo tempo, ele antecipa o fracasso do opressor que combate contra seu Deus. Assim ele declara:

“Não te iludas em vão! Nós sofremos tudo isto por nossa própria causa, porque pecamos contra o nosso Deus e, como resultado, recebemos estes flagelos espantosos. Tu, porém, não penses que ficarás impune, depois de ter ousado fazer guerra contra Deus” (7,18-19).

O discurso desse jovem revela um senso de corporeidade coletiva quando ele diz que, *nós sofremos isso porque pecamos contra Deus*. Com essa consciência, ele desafia seu adversário que se atreve a lutar contra de Deus. Nesta luta o derrotado será o inimigo do povo. Para o jovem “é mais grave lutar contra Deus do que pecar”¹⁴. O pecado do povo pode ser perdoado por Deus, mas a arrogância do inimigo é uma afronta sem vitória. Porque nesse combate, quem triunfará é o Deus vivo. Pois, nessa guerra, ele será sempre o *Vigilante poderoso*, que oferece nova vida a seus perseguidos. Nesse combate, a vitória é do Deus da vida.

6.7. *O sétimo filho (2Mc 7,30-38): Entrega do corpo na rede da vida*

Este jovem é o mais novo na lista dos torturados. Seu enfoque é o reconhecimento da infidelidade de seus antepassados. É a não fidelidade à prática dos mandamentos que desencadeia o castigo de todos eles. Nota-se, porém, que há uma consciência de que ele e seus irmãos são inocentes até o extremo; mas, mesmo assim, se encontram numa situação social de pecado e sofrem as conseqüências solidariamente¹⁵. E, ouvindo as palavras de sua mãe diante do opressor, esse jovem declara uma consciência de fé pessoal e comunitária, sobre os atos do Deus vivo na história:

“Que estais esperando? Eu não obedecerei às ordens do rei, mas somente aos mandamentos da lei, dada aos nossos pais por meio de Moisés. Mas tu, que és o inventor desta perseguição contra os hebreus, não escaparás à mão de Deus.

14. Cf. BÍBLIA do Peregrino. Nota sobre 2Mc 7,18-19.

15. Idem.

Quanto a nós, é por causa dos nossos pecados que padecemos. Mas, se para nos punir e corrigir, o Deus vivo e Senhor nosso se irou por um momento contra nós, Ele há de reconciliar-se de novo com os seus servos. Tu, porém, ímpio, o mais infame dos homens, não te exaltes sem razão com vãs esperanças, enfurecido na tua cólera contra os servos de Deus, porque ainda não escapaste ao julgamento do Deus onipotente, que tudo vê! Os meus irmãos, após terem suportado um breve momento, participam agora da vida eterna, em virtude do sinal da Aliança, mas tu sofrerás o justo castigo do teu orgulho, pelo julgamento de Deus. A exemplo de meus irmãos, entrego o meu corpo e a minha vida em defesa das leis dos nossos pais, peço a Deus que, quanto antes, se mostre propício ao seu povo, e que tu, no meio dos sofrimentos e provações, tenhas de confessar que só Ele é o único Deus. Em mim e nos meus irmãos, se aplicará a cólera do Onipotente que se desencadeou justamente sobre toda a nosso povo” (2Mc 7,30-38).

Neste veemente discurso, o filho mais novo acentua seu “eu”, que resiste às ordens de um rei em desordem. Esse “eu não obedeço”, representa o “nós” coletivo que abrange o povo como servo do Deus vivo e único. Seu “eu” é a comunidade do “nós” resistindo à arrogância do *mais infame dos homens* que, historicamente, faz os hebreus sofrerem. E, com a coragem que lhe vem da fé no Deus vivo, que tudo vê, ele denuncia “o inventor” de seus sofrimentos, o qual não escapará do julgamento de Deus. Esta é a esperança dos oprimidos de ontem, de hoje e de amanhã. O que nutre a esperança dos pobres oprimidos, é a certeza da compaixão de Deus. A entrega de seu corpo na rede da vida, faz aquele humano jovem não perder sua esperança. E confiando na compaixão do Eternamente vida, todos eles suportam o sofrimento porque sabem que tudo passa como *um breve momento*. O que lhes importa é a fidelidade ao Deus fiel, que acolhe as almas dos mortos na Rede eterna da vida.

6. 8. A mãe anônima

Assim, diante de todo esse drama de sofrimento, a mãe desses mártires, foi uma presença corajosa e animadora ajudando seus filhos a se manterem perseverantes até o fim. Assim ela dizia:

“Eu não sei como vocês foram formados no meu ventre, nem fui eu que lhes dei o espírito e a vida, nem também fui eu que reuni os membros de cada um de vocês. Mas é o Criador do mundo que formou o homem em seu nascimento e deu origem a todas as coisas, quem tornará a dar o espírito e a vida, em sua misericórdia, uma vez que agora fazem pouco caso de vocês mesmos, por amor às suas leis” (2Mc 7,22-23).

Assim, com essa consciência de um Deus criador, que faz e tudo pode, finalmente, ela diz para seu filho mais novo:

“Eu te suplico, meu filho, contempla o céu e a terra e observa tudo que neles existe. Reconhece que não foi de coisas existentes que Deus os fez, e que também todo ser humano surgiu da mesma forma. Não temas este carrasco. Ao con-

trário, tonando-se digno dos teus irmãos, aceita a morte, a fim de que eu torne a receber-te com eles na Misericórdia” (2Mc 7, 28-29).

Aqui está a grande mística de uma mulher que, representando a plenitude de um povo, permanece fiel à aliança do Deus vivo. Toda essa resistência vivida na esperança indica que a vida não tem seu fim na morte. A vida pertence a Deus. Essa esperança está firme num Deus que, historicamente, se oculta animando o ser humano a defender sempre a vida. E, lutando por essa vida, eles e elas acreditam numa outra vida que não termina com a morte violenta praticada pelo rei opressor. A essa outra vida que vem depois da morte violenta, elas e eles deram o nome de “ressurreição”, “vida eterna” que é participação na vida plena, que o Deus vivo dará aos seus fiéis eleitos.

IMAGENS DE DEUS NA MÍSTICA DO MACABEUS

Em 2Macabeus 7, encontramos uma visão teológica que une cosmologia e história. Dentro dessa visão, ao escrever esse texto, o autor deixa saltar de sua mente, sete imagens de Deus à luz da fé de seus antepassados. Tais imagens ou nomes, revelam sua percepção de um “Deus como alguém muito próximo, esperando ser invocando e ansioso por responder aos apelos de seus eleitos”¹⁶. E agora no campo da dor, elas são portais de mundos humanos que estão em constante acesso à Rede Absoluta da vida¹⁷. Vejamos cada imagem como expressão de uma consciência individual ou grupal, na rede da vida coletiva.

1. O Senhor Deus (v. 6)

Esta primeira imagem é uma senha de um nome especial: o nome Divino. A expressão *o Senhor Deus*, indica uma Consciência Maior que nos vê e nos contempla; indica também um dos nomes do Deus de Israel que se revela na história como Deus libertador e criador. Trata-se do tetragrama sagrado que, em geral, o povo não podia pronunciá-lo a não ser os sumos sacerdotes. Pois segundo a tradição dos hebreus, havia um lugar específico no templo onde somente o Sumo Sacerdote tinha acesso; saindo desse *lugar-não-lugar*, e consciente de tal senha, ele a reproduzia para que o povo tivesse acesso à Rede Absoluta¹⁸. Esta Rede única é o Deus vivo que desceu na nuvem e se declarou como Deus de misericórdia, de ternura, paciente, bondoso e fiel, conservando seu amor a milhares de geração (Ex 34,6-7). Com essa imagem na sua mente, o autor faz com que o primeiro jovem declare que a compaixão de seu Deus é verdadeira e digna de confiança. Por isso vale a pena amar, zelar, e por em prática seus mandamentos que asseguram a vida, a liberdade e a paz para todos e para tudo no mundo da existência. Pois, nesta existência *o Senhor Deus* será sempre o Eternamente Existente.

16. Cf. ELLIS. *Os Homens e a Mensagem do Antigo Testamento*, p. 469.

17. Cf. BONDER. *Portais Secretos*, p. 48.

18. Cf. Idem., p. 67.

2. O Rei do Universo (v. 9)

Esta imagem de Deus como *Rei do Universo* ou *Rei do mundo* nos apresenta uma visão cosmológica de um Deus que habita nas alturas e, ao mesmo tempo, mora na terra com suas criaturas para reanimá-las de seus desânimos e abatimentos (Is 57,15). Além disso, esse Deus é o que tem em si mesmo a força vital para fazer surgir do nada, todas as formas de vida que existem em rede no palco da Criação, inclusive o gênero humano (2Mc 7,28). Pois é nele que há *uma vida eterna* para quem lhe é fiel na prática de suas leis como “comandos” de vida. Com esta imagem, o autor sagrado quer nos dizer, através da declaração do segundo jovem que, *no Rei do Universo* está a vida de todos os corpos que são historicamente feridos, torturados e matados friamente. Com esta frieza de coração, os arrogantes de ontem e de hoje vão perdendo o senso de corporeidade com tudo que há em rede na Criação, e com todos os humanos na rede da história. Essa imagem revela uma consciência refinada de uma cosmologia viva, a qual está continuamente em rede com tudo e com todos.

3. O Céu (v. 11.34)

Esta imagem é muito interessante porque ela expressa o Lugar como morada dos eleitos e eleitas. Para a mente bíblica, o céu físico se distingue da mesma natureza que a terra, *o céu e a terra* – e o céu de Deus, *o céu que não é a terra*. Mas o primeiro normalmente possibilita o ser humano a pensar no segundo¹⁹ como habitação eterna onde a vida não tem fim. Sendo o céu a morada de Deus e morada futura de seus servos e servas, com essa imagem, o autor quer ensinar a seus leitores, e, a nós hoje, que do Céu recebemos a vida de nossos corpos, mas por causa de suas leis de vida para todos, é preferível estar disponível à morte que abandoná-las para satisfazer a vontade de um tirano sem temor.

Outro sentido é que, *o Céu*, é Deus mesmo. Conforme a tradição hebraica, Deus é *hammaqom* – o Lugar. Num certo momento, ao acessar esse Lugar, Moisés ouve uma voz: *hineh maqom itti* – “Eis que há um lugar em mim”. Comentando esta declaração de Deus, o rabino Nilton Bonder compartilha de sua tradição dizendo: “Isto significa que o Lugar de Deus está embutido no próprio Deus (lugar em mim). Deus é o próprio Lugar do mundo, mas o mundo não é o seu Lugar”²⁰. Assim ressalta-se que, *o Lugar de Deus não está contido num lugar*; mas o ponto de acesso a esse Lugar acontece quando há senso de reverência por Ele e por cada humano habita em todos os lugares. A este senso de reverência chamamos de corporeidade na família, na comunidade e no mundo no qual vivemos.

Assim, habitando em Si mesmo e em cada Humano, a imagem sobre *o Céu* aponta-nos para um *Espaço* onde o Divino e o Humano apreciam viver em unidade. Neste sentido é bom lembrarmos de Jesus quando ele diz: “Eu e o Pai Um” (Jo 10,30), dando-nos assim a entender o mistério vasto e profundo de sua relação de comunhão e parti-

19. Cf. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Ed. Vozes, 6^a edição, 1999, p. 143.

20. Cf. op. cit., p. 93.

cipação com o Eternamente vida. Hoje precisamos resgatar o conceito *Céu* como espaço existencial e espiritual onde fortalecemos nossas relações interativas no aqui-agora, e no além onde cantaremos nossa vitória. E no aqui-agora da vida podemos reafirmar que, todo aquele que levanta *a mão contra os servos do Céu*, jamais tomará parte na vida do Céu. Esta convicção vem da fé dos mártires de ontem e de hoje. Porque no *Lugar-Não-Lugar* somos seus semelhantes refletindo a glória do Deus Criador.

4. O Criador do mundo (v. 23)

Para a mente bíblica, a expressão “céus e terra” é o mundo que flui do ser de Deus através de sua palavra criadora. O zelo que Deus tem por esse mundo, é o mesmo que tem pelo por cada ser humano. Este humano que espera no *Criador do mundo*, não será decepcionado porque nele está a vida em plenitude. Com esta imagem, o autor busca alimentar no povo perseguido a esperança de que, *Aquele que criou tudo do nada, e a mesma origem tem o ser humano*, jamais esquecerá de seus eleitos. E ainda, tendo saído das mãos divinas, esse mundo continua a manifestar a bondade de um Deus que ama eternamente²¹.

Hoje é urgente resgatarmos no meio povo, o senso de zelo pela vida cósmica da qual somos parte inseparável. O meio ambiente, como espaço de uma cosmologia viva²² que nos cerca, não pode ser desconsiderado por uma visão tecnológica puramente utilitária. O Criador do *macro-micro-cosmos* (Universo/ Humano) está em Rede com tudo e com todos no *Espaço* de sua manifestação criadora. Por isso, violentar esse espaço (Humano/Natureza) é romper com o Eterno Criador que interage existencialmente conosco. Negligenciar o espaço da Criação como um todo, é ignorar o ser de Deus em tudo e em todos. O zelo amoroso por nossos corpos e pelo *meio* onde vivemos e interagimos é importante como encarnação da glória de Deus. Neste sentido, a mística cristã confessa que *a glória do Criador é o ser humano vivo* em comunhão com seu meio ambiente. Sem esse cuidado pela dimensão ambiental, nosso futuro não passa de uma ilusão das inúmeras ilusões.

5. O Deus Vivo (v. 33)

Esta imagem é máxima! Ela evoca a essência infinita do nome de Deus. Pois ele é como *Senhor que vive* e tudo cria por amor. Essa maneira de falar sobre Deus, como aquele que vive, é uma fórmula muito antiga e muito popular na fé israelita²³. Pois, quando em meio às suas tribulações, o perseguido dizia: “o Senhor está vivo” (Jz 8,19; 1Rs 7,1). Este “Deus vivo” é a presença vital no meio do povo que luta (2Sm 17,26.36; 2Rs 19,16). No horizonte profético de Oséias, os israelitas serão chamados de “filhos do Deus vivo” (Os 2,1); o que indica que eles deverão romper com os ídolos sem vida,

21. Idem, p. 630.

22. FOX, Mateus. *A Vinda do Cristo Cósmico: A Cura da Mãe Terra e o surgimento de uma Renascença Planetária*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

23. Idem, p. 223.

sem amor e sem compaixão. No contexto dos mártires, reconhecer o poder do rei opressor seria negar o senso de pertença ao Deus da aliança.

Com essa imagem vital, o autor reaviva na memória do povo a presença de um Deus que é Eternamente vida e compaixão na história. E é por essa compaixão que ele garante a vida nova aos seus servos e servas, no seio de sua eternidade. Precisamos hoje verbalizar mais essa fórmula em nossos cursos e discursos, em vista de uma consciência que valorize tudo o que é vivo em torno de nós, especialmente, a presença do outro, do diferente como irmão, como irmã. Com este senso fraternal, vamos nos despertando e ampliando cada vez mais uma nova consciência de que somos tendas ambulantes e sagradas desse Deus vivo que age e interage conosco, através de Jesus, o Homem do amor. Assim, crescerá em todos nós o prazer imenso, de sermos corpos vivos e vibrantes na corporeidade da Criação, com o Eternamente Único e Senhor da História.

6. O Único Deus (v. 37)

Em Êxodo 20,3 está dito: “*Não terás outros deuses diante de mim*”. Com este mandamento, o Deus vivo exige de Israel um culto exclusivo. Esta é a condição da aliança com Deus no monte Sinai²⁴. Assim, ter fé no Deus único é manter viva na mente e no coração, o compromisso existencial com essa aliança. E em qualquer tempo e lugar, onde quer que Israel se faça presente, sua confiança está no Deus vivo, o único Deus capaz de salvar, libertar e criar obras maravilhosas.

Com essa imagem, o autor que acentua a unidade de Deus está acima de qualquer rei prepotente, como Antíoco IV, o qual se fazia igual aos deuses (2Mc 9,12). Para ele e seus antepassados, o Deus único é um Deus absolutamente universal e sem rival algum (cf. 1Cr 17,20; Eclo 36,4; Is 45,14). É essa consciência que ajuda o povo perseguido a não desanimar nem perder sua esperança no Único que tem vida para tudo e para todos. Confiar nesse Deus é ter a certeza da vida eterna. Assim, sentindo-se como “os filhos do Deus vivo”, eles serão vitoriosos mesmo na perseguição.

Hoje é necessário despertar em nosso povo, essa consciência de que somos um povo amado pelo mesmo Deus vivo e único de Israel que foi o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, dos profetas e profetisas. Ele é mesmo Deus que se fez carne em Jesus de Nazaré, o qual como vimos acima, declara seu *senso de unidade* com Ele e com os pobres na missão do Reino.

No nosso mundo atual, refletir sobre a unidade de Deus poderia ser um elemento importante na formação de uma mentalidade de comunhão e participação entre as religiões. Ao reconhecer a unidade de Deus como um Todo em tudo do Universo, certamente os seres humanos modificarão suas relações violentas para relações interativas de cooperação, solidariedade, comunhão e participação sem fronteiras. Este desejo universal de paz entre todos os humanos, pode ser um dia realizado através do acesso

24. Cf. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1981, nota “s”.

apropriado à Rede real e virtual da fé. Não se refere aqui de uma fé fanática de comunidades fechadas, mas de uma fé viva, ativa e interativa que “nos faz compreender a essência virtual de tudo”²⁵ e de todos na rede da vida.

Assim, a força vital dessa fé, reflete-se no senso de pertença à Realidade inominável a qual chamamos Deus. Neste senso de pertença à Rede Absoluta da vida, está o nosso sentimento de corporeidade com a diversidade maravilhosa da Criação da qual somos partes integrantes.

7. O Todo-Poderoso (v. 35.38)

Reconhecemos que somos partes integrantes de um Todo poderoso, é sinal de estamos interconectados à Rede de vida imensurável. Esta última imagem revela a onipotência do Deus vivo, como único e poderoso nos céus e na terra (Dt 4,32-39). Na mente profética do povo hebreu, esse Deus vivo e poderoso tem sua habitação nós céus, mas também na terra com suas criaturas. Historicamente, ele é um Deus que intervém no mundo das relações humanas e sociais, para defender os oprimidos e humilhados sem proteção na vida. No meio do povo, sua ação como *Todo-Poderoso*, se mostra visivelmente através das ações e atitudes apropriadas dos juízes, profetas e profetisas.

Sendo ele um Deus que tudo pode e observa, seu poder não destrói nada, pelo contrário, quando o ser humano destrói o que ele criou num processo contínuo, oculto e maravilhoso de evolução, esse Deus vivo recupera tudo com esse mesmo processo. Neste sentido, a Natureza é testemunha fiel desse jeito de Deus criar, recriar ou reanimar e integrar à rede da vida. Porque para ele tudo é possível (Gn 18,14). Como doador da vida, em toda parte ele pode proteger, zelar e abençoar seus eleitos e eleitas fazendo a favor deles e delas, o que ele quer sem fronteiras (Gn 12,2s; 28,13-15). Com esse Deus todo-poderoso, o humano tem a liberdade de aproximar-se dele e com ele lutar como aconteceu com o patriarca Jacó. No final de sua luta, o Deus vivo o abençoa e ele recebe do Todo-poderoso o novo nome de Israel (Gn 32,27-30). E, a partir dessa bênção, o povo eleito será portador desse nome até hoje²⁶.

Evocando essa imagem, o autor quer instruir seus irmãos e irmãs que o Poderoso de Jacó (Gn 49.24; Is 1,24) jamais abandonará seu povo. Nele todos e tudo têm valor imensurável porque tudo é vida em rede. Assim, o poder do Todo-Poderoso é vida em rede para tudo e todos. Assim, romper com essa rede aqui haverá interferência com a rede de lá. Essa interferência entre lá e cá, é o que a tradição judaico-cristã chamou de pecado, a nível individual e coletivo. Se a imagem de um Deus Todo-Poderoso é importante hoje, penso que ela precisa ser refinada e integrada vitalmente no exercício existencial do poder de humanos entre os humanos. Sem esse refinamento relacional, a imagem de um Deus Todo-Poderoso só servirá para dominar e manipular os que vivem à margem das sociedades, tanto na esfera política quanto religiosa. E qualquer

25. Cf. BONDER, op. cit., p. 79.

26. Cf. *Vocabulário de Teologia Bíblica*, p. 787.

tipo de manipulação – sobretudo religiosa – causará à consciência coletiva uma visão distorcida sobre o sentido vital da ressurreição.

VERDADEIRO CULTO NA HISTÓRIA

Celebrar a vida é confirmá-la com atos, palavras e atitudes que ela é o maior dom que o ser humano recebeu do seu Criador. Quando esse dom é violado por humanos desumanizados, a fé surge como *espada flamejante* para bloquear a destruição da vida. Num contexto social e religioso de luta, como no caso dos Macabeus, a fé não é só uma crença na imortalidade da alma, mas sobretudo um envolvimento de defesa da vida “em um chão embebido de sangue, do sangue de muitos mártires, de muitos jovens que perdem suas vidas na luta com o opressor, do sangue de muita gente feiamente assassinada por manter fidelidade à Lei e à Aliança”²⁷ de um Deus vivo, amigo e libertador de escravos.

Confiando neste Deus e nas suas leis, a mãe e seus sete filhos que representam a plenitude do povo fiel a Deus não se rebaixam no confronto com o rei opressor e desumanizado. Neste confronto entre poder opressor e fraqueza do povo (mãe e filhos) nasce uma certeza no coração do perseguido: a vitória final será do nosso Deus. É num contexto de confronto existencial entre fortes e fracos que nasce a fé na ressurreição como verdadeiro culto na história.

1. A fé na Ressurreição

Num contexto de medo e de mortes constantes, numa paróquia onde trabalhei na década de 1990, criamos na comunidade local, uma frase de efeito para estimular mais o valor da vida. A frase foi esta: “A vida vem de Deus: queremos a vida”. Foi com este desejo de viver a vida presente e a vindoura, que o povo dos Macabeus inventou criativa e piedosamente a fé na ressurreição. É evidente que essa fé não veio de uma reflexão feita sobre um cadáver. Ou como diz Sandro Gallazzi: “Não nasce da cabeça de algum intelectual que puxa conclusões lógicas, de um raciocínio na mesa de trabalho”²⁸.

Essa fé é antes de tudo, uma nova descoberta do sentido da vida. Essa descoberta é feita na realidade concreta de luta, dor, sofrimento e morte. Na luta e na dor, os Macabeus fazem a experiência do sentido profundo da vida cuja fonte está em Deus, o Eternamente vida. Para eles, a vida não é interrompida com a morte. Esta é simplesmente uma porta. E, passando por essa porta, acreditam que o Deus vivo devolverá a vida plena de seus corpos tombados e mortos na luta pelo valor sagrado da vida (2Mc 12,39).

Acreditar na ressurreição é abraçar de corpo e alma, a maior causa do Criador: a vida de todos os seres humanos e a vida da natureza que propicia a vida desses viventes. Não basta falarmos sobre a ressurreição dos mortos se existencialmente não nos envolvemos com a defesa do nosso espaço ecológico, onde humanos e natureza estão

27. Cf. GALLAZZI, Sandro. Os Macabeus: Uma Luta pela Liberdade do Povo. In: *Estudos Bíblicos*, n. 6: A Violência dos Opressores e o Direito dos Pobres à Vida na Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 48.

28. Idem., p. 48.

em processo constante de desarmonia. Discursar sobre a ressurreição, é dizer publicamente que Deus não está de acordo com os que destróem o dom da vida que ele oferece a todos e todas sem medir, sem calcular.

O opressor fechado no seu egoísmo, não consegue perceber o Deus vivo agindo na ação da fé de um povo lutando pelo maior bem: a vida para todos. Crer na ressurreição é combater todo tipo de poluição ambiental, mental e espiritual; é reverenciar com afeto, amor e fé o Deus que habita no corpo do humano e no corpo da natureza. Pois, violentar esse todo corporal – humano/natureza – é rasgar a cortina do Santuário Cósmico onde todos, em qualquer lugar, podem acessar o seu Criador, *em espírito e verdade*.

A plenitude (os sete nomes mencionados acima) do Deus dos hebreus, ou dos macabeus, ou dos judeus, jamais apreciará atitudes dos que decidem pela morte dos fracos na história, em nome de qualquer tipo poder. Deus aprecia os amigos e amigas da vida. A fé na ressurreição, dava ao povo dos macabeus uma força enorme pra enfrentar as forças geradoras de opressão e morte. Para esse povo, a luta pela vida é a luta de Deus. Eles tinham consciência da presença do Deus vivo e libertador na suas campanhas de combate contra os inimigos do povo (2Mc 13,13-15). Podemos dizer que a ressurreição foi a maneira mais apropriada e criativa de vencer o medo sobre a morte. Mesmo morrendo, a morte pela fé é porta de entrada para a grande e eterna vida. Morrer pela fé é lutar consciente pelo valor da vida presente, a qual deve ser preservada e vivida com amor e dignidade.

Estamos afirmando que a fé na ressurreição é esperança viva e ativa; é relacionamento interativo entre nós e com o Criador da vida. Existencialmente, ela é a certeza da resposta favorável de Deus aos que entregam suas vidas pela causa do Reino. Assumir essa causa, é ver esse Reino como espaço sagrado de liberdade e vida abundante para todos. Assim, quem luta e participa de tal causa, está abraçando o projeto igualitário do Deus vivo na existência. A certeza da resposta favorável de Deus na história, animava os filhos dos macabeus a orar com fé e esperança. E, trazendo em si mesmos a herança espiritual de seus antepassados, eles podiam orar confiantemente ao seu Deus:

“Senhor, tu me farás ver o caminho da vida. Na tua presença encontro muita alegria e eterna felicidade à tua direita” (Sl 16,11).

Sentir-se feliz à direita de Deus, é permanecer ao lado dele como dois amigos, na praça da vida ou no jardim da Criação. O Deus vivo está eternamente na praça da vida esperando os amigos e amigas do bem, do amor e da justiça. Nessa praça, ele se deixa encontrar por todas as pessoas que apreciam viver e celebrar o dom da vida, em comunhão e participação.

2. A celebração

Os elementos que estão bem presentes na vida celebrativa do povo dos macabeus são a oração em forma de súplica, isto é, de pedidos a Deus; os lamentos, jejuns, prostração, celebração do sábado, sacrifícios e as festas de seus antepassados (2Mc 6,6; 13,12).

Na celebração está presente a vida e a luta concreta do povo. Ela parte da luta que defende o dom da vida. Tanto o louvor como o agradecimento a Deus são feitos depois de uma luta combatente, porque fazem a experiência da misericórdia e solidariedade de um Deus amigo e companheiro (2Mc 8,27).

O conteúdo das celebrações é a realidade bem concreta do dia-a-dia. Por exemplo, *o povo espezinhado* e oprimido pelos inimigos; *o templo profanado* com costumes chocantes dos estrangeiros; *a cidade arruinada* pelos ataques e roubos praticados pelos invasores. Tudo isso é apresentado diante de Deus para que ele ouça seus clamores perante tanta violência e sangue derramado.

É de dentro dessa situação que nascem orações e benditos. E assim, a celebração surge como espaço vital para animar a mística da luta e da esperança no Deus da vida. Aqui podemos nos perguntar: será que nossas celebrações partem da vida concreta? Se isso não acontece, por que? Precisamos rezar sempre mais a partir do que está acontecendo no hoje da vida. O Deus vivo é um Deus bem perto da gente. Ele aprecia e faz questão de ser encontrado (Is 55,6) conosco nas estradas da vida.

Conclusão

Observando com atenção a vida sofrida e a liturgia destes mártires, podemos descobrir que, por debaixo dos textos, isto é, por trás das palavras, existe uma idéia, uma visão sobre Deus. De uma primeira olhada se percebe que o autor sagrado tem uma visão de um Deus que é vida; de um Deus que é zeloso e não abandona o oprimido, o fraco na sua caminhada; um Deus que é Criador, que cuida e zela por tudo que ele criou, especialmente o ser humano. Sendo ele o Criador e Libertador, jamais vai abandonar o ser humano que é representação viva de sua atividade criadora. Mesmo que o próprio ser humano destrua o resultado do seu ato criador, Deus restaura, de uma maneira nova e criativa, aquela vida humana destruída pela violência do próprio ser humano. Essa vida restaurada por Deus é chamada de “ressurreição” na mística dos macabeus.

Outra idéia que podemos perceber nos textos e, especialmente em 2Macabeus 7, é aquela de um Deus vingador. Para os fiéis macabeus, os castigos sobre os opressores significam a vingança de Deus. O mal praticado por eles será punido na justiça do Juiz do mundo. Em 2Macabeus 9,1-17, podemos descobrir aí o que aconteceu com o opressor do povo dos macabeus. Resumindo o que foi dito até aqui, para os fiéis macabeus, Deus é Vida, Criador, Zelador, Libertador e Vingador daqueles que destróem a vida. Esta descoberta aparece muito clara nos depoimentos colocados na boca da mãe dos sete filhos que foram encaminhados ao martírio. Para a fé desse povo sofrido, o caminho do martírio é uma mística que se expressa no amor ao que é mais sagrado: a Vida embutida na Lei e na Aliança de seus ancestrais. Essa mística é uma adesão interior e exterior ao Deus que é vida na terra e nos céus.

É partindo dessa mística que vemos a corporeidade, no passado e hoje, como qualidade de relacionamento pessoal, comunitário e social dentro existência. No momento atual é urgente resgatarmos o senso de corporeidade onde vivemos e trabalhamos como agentes da Palavra que se fez carne, se fez corpo humano entre nós. Bloqueado por uma

cultura de repressão, o corpo dos humanos vai perdendo cada vez mais sua sensibilidade com a totalidade da vida. E isto compromete nossa fé na ressurreição.

Perder de vista essa fé, pode significar que não assimilamos os ensinamentos mais importantes da lei do Deus vivo como a justiça, a misericórdia e a fidelidade (cf. Mt 23,23). Nestas três dimensões está o espírito das Escrituras para todos os tempos. Como agentes e obreiros da palavra de Jesus, o Homem do amor, não podemos deixar esfriar dentro de nós o fogo da fé, e muito menos o ardor de uma mística que nos faz experimentar o afeto do Deus vivo da história. Pois, este afeto vital vem de cada corpo humano o qual precisa ser visto como tenda ambulante do Deus Criador.

A desvalorização desse corpo, tem como conseqüência a perda interior do senso de semelhança no hoje vivo da história. Acredito que resgatar este senso e respeito pelos corpos humanos – com direito de expressar e viver a totalidade sagrada de suas energias – é apelar misticamente para fé na ressurreição. Para mim, esta é expressão máxima da corporeidade de Deus com seus humanos, o qual vive eternamente em rede de vida com o todo da Criação.

BIBLIOGRAFIA PESQUISADA

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1981

Bíblia – Mensagem de Deus (LEB). São Paulo: Loyola, 1983.

Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

BONDER, Nilton. *Portais Secretos: Acessos Arcaicos à Internet*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1981.

CIMOSA, Mario. *Gênesis 1-11: a humanidade na sua origem*. São Paulo: Paulinas, 1987.

ELLIS, F. Peter: *Os Homens e a Mensagem do Antigo Testamento*. Aparecida: Santuário, 1985.

FOX, Mateus. *Pecados do Espírito, Bênçãos da Carne: Lições para transformar o mal na alma e na sociedade*. Campinas: Verus, 2004.

FOX, Mateus. *A Vinda do Cristo Cósmico: A Cura da Mãe Terra e o surgimento de uma Renascença Planetária*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GALLAZZI, Sandro. Os Macabeus: Uma Luta pela Liberdade do Povo. In: *Estudos Bíblicos*, n. 6: A Violência dos Opressores e o Direito dos Pobres à Vida na Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1985, 40-52.

HARRINGTON, Wilfrid John. *Chave para a Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1985.

Nova Bíblia dos Capuchinhos. Lisboa: Difusora Bíblica, 1999.

Vocabulário de Teologia Bíblica. Petrópolis: Vozes, 6ª edição, 1999.

VV.AA. *Macabeus uma Resistência Armada Camponesa* (apostila) – CEBI, 1988.

Anízio Freire

Caixa Postal 21

53001-970 Olinda, PE